



Razões da luta entre ACM e Temer

O conflito verbal entre os presidentes do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), se projeta para além da questão da reforma do Judiciário. O conjunto de críticas desferidas à atuação de Temer nessa matéria foi preparado com cuidado e compõe também um cálculo sobre o controle futuro do Congresso Nacional. O senador mirou um alvo pontual, a reforma do Judiciário, bandeira que reivindica ter levantado primeiro, para também alcançar outro lá na frente, manter o comando do Legislativo, que o PFL disputa com o PMDB de Michel Temer.

O exercício da política é por definição um cálculo sobre o futuro.

Dentro de 18 meses Antonio Carlos e Temer serão substituídos. Mas essa mudança não é algo trivial, que os atores políticos com responsabilidade de comando deixem para tratar na véspera. Assim como todos eles já se orientam olhando para a corrida presidencial de 2002, agem tendo em vista também as posições relevantes na composição do poder central em Brasília.

Não foi por outro motivo que o senador aludiu aos meios pelos quais o deputado paulista chegou à presidência da Câmara e que, na visão do senador, teriam sido proporcionados de modo decisivo pela ação de seu falecido filho, Luís Eduardo Magalhães, e por ele próprio. Uma leitura abrangente do episódio consideraria que Temer, se depender de um novo acordo com o PFL, terá dificuldades para fazer no PMDB o seu sucessor no final do próximo ano. Mais ainda: ao queimar as

pontes de diálogo Antonio Carlos veta previamente composições de seu partido com o PMDB nas eleições municipais, circunscrevendo assim um acordo em São Paulo a entendimentos com o PSDB e o PPB.

A perda da direção da Câmara já está nos cálculos do PMDB, cujo interesse tende a se deslocar para a sucessão no Senado com a candidatura do senador Jader Barbalho (PMDB-PA). O acordo informal de rodízio com o PFL asseguraria a esse partido a presidência da Câmara para o deputado Inocêncio de Oliveira (PFL-PE). O tom agressivo em relação a Temer, que integra o atual comando nacional do PMDB, revela que se depender de Antonio Carlos a evolução dos acontecimentos pode ser outra. É o próprio senador quem lembra, em conversas reservadas, que o ex-presidente da República e do Senado, José Sarney (PMDB-AP), é também

candidato, sugerindo que entre ele e Jader tanto a bancada do PMDB, quanto as do PFL e do PSDB tenderão a ficar com o ex-presidente.

As crises antecedentes envolvendo o PMDB e o eixo PFL-PSDB também tiveram origem, no fundo, na luta pelo controle do Congresso. O PMDB se tornou um partido de natureza e vocação parlamentar depois de perder espaços preciosos nas estruturas do poder regional. Ainda sem opções competitivas para disputar a Presidência da República, seus líderes redirecionaram energias para aumentar a participação do partido nas estruturas

federais. E isso significa a conquista prioritária dos postos-chaves do Legislativo, dos quais tiram força para obter posições federais e influir na formulação e implementação da agenda de políticas públicas.

Do ponto de vista do Governo, apesar de representar uma ameaça de paralisia do processo decisório do Congresso, o episódio tem aspectos que lhe são favoráveis. A troca de ofensas pessoais entre Antonio Carlos e Michel Temer deslocou o epicentro da crise política do Palácio do Planalto para a arena parlamentar, com base em um tema pontual.

Outro é o fato de indicar que a tendência na disputa pelo controle do parlamento favorece a governabilidade de Fernando Henrique nos seus dois últimos anos de mandato, cujas relações com o parlamento se tornarão imprevisíveis na hipótese de que alcance a presidência do Congresso um discurso de autonomia e independência como o que Jader Barbalho faz hoje.

O episódio produziu também uma informação altamente relevante: a reação de Temer e a unidade da direção partidária em torno dele mostram que fracassaram as tentativas de desagregar o PMDB, partido que, mal ou bem, consolidou uma hegemonia interna como há muito não se via. Isto é, está claro para todos quem dirige e quem fala pelo partido. A percepção dos riscos de uma política agressiva em relação a esse aliado deve ter sido crucial para que Fernando Henrique tenha procurado se entender com o partido na crise que na semana passada quase provocou a demissão coletiva dos ministros do PMDB.

E-mail: ariosto@agestado.com.br

Ariosto Teixeira escreve de terça a domingo